



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

ROSANE ARMILIATO

**A LEITURA COMO LUGAR DE DIÁLOGO: UM OLHAR
PARA PROPOSTAS DA REVISTA NOVA ESCOLA**

**CHAPECÓ
2016**

ROSANE ARMILIATO

**A LEITURA COMO LUGAR DE DIÁLOGO: UM OLHAR
PARA PROPOSTAS DA REVISTA NOVA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira
Sul – UFFS como requisito para obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a.Camila Caracelli Scherma.

**CHAPECÓ
2016**

ROSANE ARMILIATO

A LEITURA COMO LUGAR DE DIÁLOGO: um olhar para propostas da Revista Nova Escola.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Orientador (a): Prof^a Dra. Camila Caracelli Scherma.

Aprovado em: 27 / 06 / 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Camila Caracelli Scherma – UFFS



Prof. Dra. Jane Teresinha Donini Rodrigues – UFFS



Prof. Me. Irene Cristina Kohler – Educação Básica - Rede Estadual de Santa Catarina - e Faculdades Santa Rita – Chapecó (SC).

A LEITURA COMO LUGAR DE DIÁLOGO: UM OLHAR PARA PROPOSTAS DA REVISTA NOVA ESCOLA.

Rosane Armiliato*

RESUMO

Este trabalho tem como tema a leitura como um lugar de diálogo. Tomei como objeto de estudo planos de aula publicados na Revista Nova Escola e, nestes, as propostas de leitura em sala de aula. O objetivo é compreender os discursos sobre as práticas de leitura nas propostas da Revista, buscando compreender quais as possibilidades de construção de sentidos, por parte dos alunos, que essas propostas apresentavam; além disso, o texto trata de construir caminhos de compreensão buscando analisar os discursos sobre a prática de leitura e como elas são tratadas nos planos. A principal metodologia se deu através do cotejamento de textos e dados, com isso construí sentidos fazendo com que diferentes textos e diferentes vozes dialogassem. Percebi com as análises que, nas propostas de leitura da Revista Nova Escola, não está contemplada de forma clara e distinta a formação de leitores autores autônomos e críticos.

Palavras-chave: Leitura. Práticas de leitura. Revista Nova Escola.

1 INTRODUÇÃO

A leitura, segundo João Wandelely Geraldi (2011), é “um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto”, portanto o leitor não é somente um receptor passivo, mas também um agente que procura suas significações; ele, o leitor, a partir do texto lido, deve ser capaz de comparar com outros textos atribuindo-lhe sentido. Percebe-se que a leitura em sala de aula muitas vezes não produz sentido para os alunos, “na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos” (GERALDI, 2011, p.90).

A escolha do meu objeto de estudo baseou-se no meu histórico de vida e nos anos de estudo na Graduação. Sempre gostei de ler, sempre fui incentivada a ler pelos meus pais. Acredito que a leitura desde cedo tenha me ajudado na trajetória

* Acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia – 10ª Fase – Universidade Federal da Fronteira Sul(UFFS) Campus Chapecó- SC. E- mail: roarm_vigilante@hotmail.com

enquanto leitora. Enquanto acadêmica, deparei-me com os componentes curriculares de “Literatura infanto-juvenil” e “Ensino de Língua Portuguesa: conteúdo e metodologia”, em que as professoras realizavam a prática da leitura em voz alta, com entonação, dicção e clareza, me levando ao encantamento por esta prática do ato de ler de forma descomprometida e livre, que instiga a buscar por novas leituras. Dessa forma busco compreender os discursos sobre as práticas de leitura nas propostas da Revista Nova Escola.

Para a construção deste artigo, a principal metodologia se deu através do cotejamento de textos e dados, uma vez que Geraldi (2012) nos diz que é possível construir uma metodologia (não um método) capaz de nos orientar, a partir disso irei cotejar com outros caminhos, construindo sentidos na relação com outros sentidos, fazendo com que diferentes textos e diferentes vozes dialoguem. Cotejar textos é a única forma de desvendar sentidos; segundo Geraldi (2012, p.34), “O objetivo do cotejo de textos é a construção de uma compreensão profunda”. Delimitei meu olhar para a Revista Nova Escola, por ser um periódico de grande circulação nacional entre professores. Tomei esse conjunto de dados para analisar os discursos sobre as práticas de leitura no ensino fundamental e como essas práticas são tratadas, buscando auscultar possibilidades de leituras como espaços de diálogo.

2 AS PRÁTICAS DE LEITURA

O professor João Wanderley Geraldi discute em seus livros as práticas correntes no ensino de língua portuguesa. Percebemos em suas obras que, nas atividades desenvolvidas na sala de aula, alteram-se os sujeitos envolvidos e percepções sobre o objeto de estudo. Geraldi não oferece respostas prontas para as ações pedagógicas, ele discute estas práticas. Em sala de aula, os textos muitas vezes são utilizados para transmitir valores, deixando de lado que o texto é o “produto de uma atividade discursiva onde alguém diz algo a alguém” (GERALDI, 1997, p. 98), é para o outro que se produz um texto. O produto do trabalho de produção deve ser oferecido ao leitor como um processo dialógico, em que a partir da leitura destes textos deve ser a produção de sentido no leitor.

Segundo Geraldi (2011), na prática de leitura de textos, há dois tipos de texto e dois níveis de profundidade. Na prática de leitura de narrativas longas, que são romances e novelas, os alunos escolheram os livros que querem ler, dentre as obras

selecionadas. Nesta prática de leitura, nenhuma cobrança deve ser feita, pois o intuito da atividade é desenvolver o gosto pela leitura, ler pelo prazer de ler e não analisar a capacidade de o aluno fazer análise literária. A prática de leitura de textos curtos se correlaciona com a prática de produção de textos. Nessas atividades, a leitura deve ser feita com mais profundidade e coincidirá com o que Geraldi (2011) chama de interpretação de textos, mas com um pretexto para a prática de produção de textos orais ou escritos e não somente para a cobrança escolar. Na prática de leitura de textos, o processo de interlocução entre leitor e autor é mediado pelo texto.

Ainda segundo o autor, a prática de produção de textos na escola tradicionalmente foge ao sentido do uso da língua, pois os alunos escrevem apenas para o professor ler e dar nota, para o aluno não faz sentido escrever apenas para ser avaliado e nada mais. As produções de texto feitas pelos alunos devem ter outros significados, tanto para eles quanto para quem os lê; o aluno, ao produzir, tem que ter o que dizer, para quem dizer, motivo para dizer aquilo que ele tem a dizer. Deve-se fazer o uso efetivo e concreto da linguagem, com fins determinados pelo locutor ao falar e escrever. O professor ao ler os textos dos alunos já deve estar preparado para utilizá-los em suas próximas aulas, dando significado às produções textuais.

Na prática de análise linguística, o professor utilizará os textos produzidos pelos seus alunos para, analisando-os em conjunto, melhorar as produções escritas para que os alunos- autores atinjam seus objetivos junto aos leitores aos quais os textos se destinam. Na análise linguística, o texto do aluno é reescrito com objetivo de que se compreenda o fenômeno linguístico em estudo. Nesta análise, há uma recuperação sistemática e assistemática da capacidade intuitiva de todo falante de comparar, selecionar e avaliar formas linguísticas.

Além das propostas apresentadas por Geraldi, quero dialogar também com outras concepções sobre a prática de leitura. Dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a leitura é apresentada com grande importância no ensino-aprendizagem, pois através dela o aluno terá a possibilidade de produzir textos, e essa competência se dá em sala de aula pelas práticas de leitura.

Segundo os PCNS (1997, p. 40),

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

Através da leitura, o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significados. As práticas de leitura na sala de aula podem ser um fator que colabora para o desenvolvimento do gosto pela leitura, esta leitura deve ser planejada e receber a mesma importância que as demais atividades que ocorrem na aula. Os PCNS (1997, p.47) tratam que, na escola, uma prática de leitura intensa é necessária por muitas razões, dentre algumas temos que:

- ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada;
 - estimular o desejo de outras leituras;
 - possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
 - permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
 - expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;
 - aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares — condição para a leitura fluente e para a produção de textos;
 - possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;
 - informar como escrever e sugerir sobre o que escrever;
 - ensinar a estudar;
 - possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;
 - favorecer a aquisição de velocidade na leitura;
 - favorecer a estabilização de formas ortográficas.
- Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever.

Pensando nas práticas de leitura como um lugar de diálogo entre autor/leitor mediado pelo texto, objetivo, pensar na leitura como possibilidade de construção de sentidos por parte dos leitores – os alunos – e é com base nessa perspectiva que trabalho no item seguinte.

2.1 A LEITURA COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A leitura constitui-se no espaço escolar como mecanismo de aglutinação das diferentes metodologias empregadas na sala de aula. A reflexão e ação que as

diferentes formas de contextualização da leitura promovem a transformam em um importantíssimo instrumento unificado do ensino e aprendizagem da linguística universal, promovendo no desenvolvimento linguístico e cultural dos alunos transformações significativas na própria conduta, ou ato de ler, ler pela sensação do gosto, pelas emoções proporcionadas através das diferentes interconexões que a leitura estabelece entre o mundo real e o cenário imaginário, constituído na ação e reflexão da leitura como instrumento metodológico de aprendizagem.

Sob esta perspectiva, ressalto quatro possibilidades de se trabalhar com a unidade da leitura em sala de aula, descritas por Geraldi (2011):

- a) leitura com roteiro prévio;
- b) leitura como estudo do texto;
- c) leitura como pretexto;
- d) leitura como fruição.

Segundo o autor, estas diferentes possibilidades de trabalhar com as práticas de leitura são empregadas para construção do hábito contínuo da leitura, podendo ser atividades orientadas – em sala de aula, ou ainda, constituir-se como atividade programada e voluntária- leitura em casa.

Deste modo, o autor destaca as características metodológicas de cada uma destas possibilidades, suscitando que a leitura como roteiro prévio acontece de forma deliberada, sendo que a primeira unidade de leitura, destacada por Geraldi (2011), constitui-se unicamente na ação do aluno de responder questões estabelecidas pela demanda de conteúdos unificados às disciplinas de língua portuguesa, e torna-se apenas um instrumento de constatação do texto, de agrupamento de informação e respostas prontas, esta unidade pode ser conhecida como leitura de roteiro prévio, onde o aluno lê para responder questões estabelecidas e a busca de informações sem roteiro, ou seja, lê-se o texto para verificar que informações ele dá.

A segunda unidade, intitulada leitura como estudo do texto, ajuda o leitor a estabelecer uma relação e um diálogo com o texto lido, criando a capacidade de indagar argumentos e contra-argumentos, analisar as teses defendidas nos textos e verificar se os parágrafos têm coerência e fornecem subsídios para uma interlocução entre leitor/autor.

A terceira unidade, compreendida como - leitura como pretexto, segundo Geraldi (2011) é aquela que tem outro objetivo – o de produzir um texto a partir do

que se leu: escrever uma carta, dramatizar uma narrativa, entre outros. O autor ainda salienta que a leitura como pretexto deve ter a interlocução leitor/texto/autor.

A quarta unidade de leitura – a leitura como fruição, segundo os escritos de Geraldi (2011), está ligada ao prazer, ler por ler, gratuitamente. Para Geraldi (2011, p.98), a escola deve recuperar “e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio”, o prazer sem a apresentação necessária de um produto, pois a leitura na escola perdeu o sentido e passou apenas a ser mero instrumento de avaliação.

Seguindo esta linha de raciocínio, é de suma importância ressaltar que Geraldi (2011) ainda nos mostra que precisam ser recuperados três princípios na vivência de leitores. O primeiro ele chama de “caminho do leitor”, no qual o caminho do aluno enquanto leitor deve ser respeitado. O segundo, chamado de “circuito do livro”, é o que o leitor teve referências de tal livro para assim lê-lo, essas referências podem ter sido por parte de amigos, por exemplo. Por isso, destaco que cabe aos professores deixarem que seus alunos leiam livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade etc. Já no terceiro princípio “não há leitura qualitativa no leitor de um livro”. O autor nos diz que o professor deve propiciar um maior número de leituras aos seus alunos, pois a qualidade da leitura depende das leituras feitas anteriormente.

Segundo Paulo Freire (1992, p.11-12) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”, sendo assim o próximo item será analisado dentro desta perspectiva também, além dos olhares para as proposições de Geraldi.

3 OS DISCURSOS SOBRE A LEITURA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS

Considerando as concepções de Paulo Freire sobre a leitura e as proposições de João Wanderley Geraldi sobre as práticas de leitura em sala de aula como unidade básica do ensino de português, passo, aqui, a construir um olhar para os textos da Revista Nova Escola, apresentados como planos de aula.

Para a realização deste estudo, elaborei um Plano de Análise, do qual procedi à seleção, ordenamento e classificação do material, que possibilitou analisar os textos da Revista Nova Escola relacionados à leitura. Inicialmente, realizei o trabalho de recorte dos materiais que seriam analisados, os textos da Revista Nova Escola.

Para tanto, tive contato com as revistas Nova Escola de Janeiro de 2015 a Fevereiro de 2016, consistindo em um total de 13 exemplares, tendo em vista que se trata de 10 (dez) edições anuais, considerando-se que esta é uma revista publicada mensalmente, com duas publicações bimestrais para os meses de dezembro/janeiro e junho/julho durante o ano. Apenas 5 (cinco) exemplares serviram para análise, tendo em vista que adotei como critério de seleção apenas aquelas que tinham em seu interior textos relacionados à língua portuguesa e à leitura. Posteriormente, fiz o levantamento dos dados bibliográficos, a leitura dos textos teóricos que viessem orientar na construção dos pressupostos capazes de responder às questões sobre leitura em sala de aula.

Inicialmente, se faz necessário apresentar algumas características da revista, traçando um perfil geral desse veículo de comunicação na área da educação. A missão da Revista Nova Escola é “Construir e disseminar conhecimentos e valorizar práticas da Educação Básica que auxiliem educadores a enfrentar os desafios de seu tempo” (FVC, [2016]). Podemos observar em seu nome a sugestão de construção de uma escola nova, distinta do velho e tradicional modelo. Esta revista, lançada em março de 1986, tem grande influência entre escolas da Educação Básica em todo o país. Segundo o relatório anual de 2014, a revista Nova Escola possuía 1,4 milhão de leitores, 454 mil impressos de circulação média, 31mil exemplares digitais de circulação média, sendo a maior revista mensal do país e a segunda de maior circulação; a novaescola.org estreou na internet em março de 1998. As mantenedoras da Revista Nova Escola são a Abril¹ e Gerdau². Desde a sua fundação, em 1950, a Editora Abril vem se mantendo como a primeira empresa do mercado editorial de informação do Brasil, além de deter a liderança do mercado brasileiro de livros escolares com as editoras Ática e Scipione, que editam livros didáticos da rede de educação básica.

Neste estudo, em primeiro lugar, procurei identificar os conhecimentos divulgados sobre leitura nos títulos dos textos. Abaixo, organizei um quadro com esse conjunto de dados coletados nas revistas impressas:

¹ Grupo de Comunicação e Distribuição da América Latina. Disponível em: <http://grupoabril.com.br/pt/quem-somos>. Acesso em: 14/06/16 às 22h00min.

² “Empresa que, anualmente, recicla milhões de toneladas de sucata e transforma em aço de qualidade, que atende à construção civil, indústria, agropecuária e setor automotivo. Disponível em: <https://www.gerdau.com.br/pt/quem-somos/missao-visao-e-valores>. Acesso em 16/06/2016 às 22h00min.

Quadro 1 –Título das revistas que compõe o corpus de análise

Nº da revista	Título do artigo
1=nº278	A literatura africana pede passagem. In:Nova Escola,2015,p.38-40
2=nº279	Mais um trabalho para Hércules. In: Nova Escola, 2015, p.43-45
3=nº281	Reserve um lugar para as sagas na estante. In: Nova Escola, 2015, p.48-50
4=nº286	Hábitos que ensinam. In: Nova Escola, 2015, p.20-27
5=nº287	Ler, entender e explicar o conteúdo. In: Nova Escola, 2015, p.36-39

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

A organização obedece à cronologia de publicações mensais. No primeiro texto analisado, há uma proposta de leitura de literatura africana lusófona. Dentro desta ação, foi solicitado aos alunos a análise dos elementos da narrativa; para tanto, segundo a publicação, a professora apontou dentro da leitura situações relativas à interpretação de textos. Os alunos estavam fazendo uma leitura obrigatória por meio da qual o intuito era aprender a interpretar e aprender a gramática. Neste sentido, podemos nos remeter ao que Geraldí (1997, p.169) nos diz, “Os alunos, leitores e portanto interlocutores, leem para atender a legitimação social da leitura externamente constituída fora do processo que eles estão”.

No segundo texto, na primeira fase da atividade, a professora realizou uma sequência didática em que os alunos leram a história mitológica e resumiram o texto lido; neste caso, podemos perceber que os alunos não tiveram autonomia para escrever seus próprios textos, mas a atividade levava os alunos a fazerem apenas uma reprodução fiel do que o autor já havia escrito. Através da leitura, há um desafio de:

Formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros. (LERNER, 2002, p. 27-28).

Neste sentido, os alunos apenas reproduziram o que já estava escrito, não dando chance ao movimento de produção textual, para o qual é necessário, segundo Geraldi (1997, p.137), que o aluno:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).

Analisando essa proposta, podemos afirmar que produção textual que atendesse as proposições apresentadas por Geraldi teria mais sentido para o aluno do que uma mera reprodução do que o autor já havia dito.

Seguindo a ordem de publicação, no próximo texto analisado, é sugerido ao professor que dê lugar aos livros que os alunos gostam de ler, mas, colocam-se esses livros como materiais para serem utilizados no trabalho de conteúdos curriculares. Vemos aí que ora é levado em conta o gosto dos alunos, ora é mantido o ensino tradicional de cobrança curricular. Há, nesse texto, várias contradições: a) ao mesmo tempo em que a professora em sala de aula dá lugar às rodas de conversa sobre os livros lidos, ela também se mantém na posição de alguém que cobra que os alunos “deem conta do livro”. Neste sentido, mesmo que os alunos, por vontade própria, pegassem um livro para ler, eles teriam a cobrança de que teriam que dar conta; b) também ao mesmo tempo em que, na proposta em questão, afirma-se que “é imprescindível fugir dos questionários de verificação de conteúdo, com perguntas capciosas e que exigem somente a memória dos alunos”, igualmente se propõe que os alunos elaborem anúncios publicitários que, “obrigam a turma a se dedicar”. Não estou aqui condenando a forma de produção que os alunos possam fazer, mas sim a forma com que esta produção é encarada pelos professores e de certa forma cobrada dos alunos. No momento desta atividade, seria interessante proporcionar o diálogo dos alunos com os textos lidos em sala, pois pode-se perceber que, quando o professor obriga os alunos a se dedicarem à leitura, não ocorre o diálogo sobre os textos lidos.

A próxima proposta está relacionada aos “hábitos” de leitura como atividade permanente. Nesse texto, há um exemplo do relato de uma professora que insere

em suas aulas a leitura de jornal, que são textos curtos, o que nos remete à Geraldi (2011), e esses textos estariam relacionados com a produção textual, o que também dialoga com a proposição de prática de leitura como pretexto para a produção de outros textos por parte dos alunos. Essa seria uma possibilidade de construção de sentidos por meio do encontro das palavras dos alunos com as palavras dos autores dos textos lidos nos jornais.

Contudo, neste mesmo exemplo, as práticas de leitura serviram em um primeiro momento apenas para “interpretação das charges” e “análise sistemática da produção dos chargistas”, segundo o que a reportagem nos mostra. Podemos notar também que a leitura do jornal estava servindo de subsídio para a professora repassar os conteúdos curriculares, pois os alunos, em vez de uma leitura descomprometida, deveriam analisar os textos contidos no jornal e preencher fichas de leitura; esse seria um exemplo de dificuldades que se criam para os alunos lerem, segundo Lerner (2002, p.18), já que “os propósitos que se perseguem na escola ao ler e escrever são diferentes dos que orientam a leitura e a escrita fora dela.”

Temos mais exemplos de leitura na mesma reportagem da revista Nova Escola: em outra atividade de leitura, os alunos em sala de aula eram incentivados à leitura de livros, que foram previamente selecionados pela professora, mas que podiam ser escolhidos livremente pelos alunos; me pergunto então: se os livros poderiam ser escolhidos livremente, por que os alunos não puderam se deslocar à biblioteca para escolher? Por que a seleção prévia foi segundo os critérios da professora? Na reportagem mesmo, vamos respondendo a essas perguntas, pois segundo a professora, “a iniciativa não decolou”, ou seja, não obteve o sucesso esperado, para os alunos essa leitura não fazia sentido. Voltando às proposições de Geraldi, poderíamos dizer que, neste caso, “Não se trata, pois, de textos buscados por sujeitos que, querendo aprender, vão a eles cheios de perguntas próprias” (GERALDI, 1997, p.170).

Nessa proposição da publicação é possível observar que há uma vontade por parte das professoras de propiciar aos alunos o momento de leitura e produção textual, mas essas atividades são feitas de forma contraditória: ora a professora prima pela importância dos alunos lerem pelo prazer de ler, ora mostra que, de fato, os alunos devem ler para interpretar, tomar notas e analisar as especificidades de um texto, neste sentido “o aluno passeia pelo texto e sua superfície em busca das

respostas que satisfarão não a si, mas à aferição de leitura que o livro didático e professor podem vir a fazer” (GERALDI, 1997, p. 170).

Na última análise a professora toma como pretexto a leitura para aprendizagem do conteúdo; a leitura é vista como meio para os alunos estudarem, tendo sempre como objetivo final a realização de algum trabalho por parte do aluno. O aluno, segundo a proposição publicada, através da leitura, analisa informações contidas nos textos para uma maior compreensão do conteúdo. Nesse sentido, remetemos às reflexões de Geraldi (1997, p.170) “produz-se o discurso de sala de aula que, como a pergunta didática, faz do texto um meio de estimular operações mentais e não um meio de, operando mentalmente, produzir conhecimentos”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim das análises, pude observar que, nas propostas de práticas de leitura publicadas na Revista Nova Escola, não está contemplada de forma clara e distinta a formação de leitores autores autônomos e críticos; na maioria das situações analisadas, os alunos apenas reproduzem, não tendo espaço para a criação, para a produção textual feita pelo aluno para, por meio dela, poder dialogar com os autores dos textos e construir sentidos com base em suas singularidades. Também se nota que a leitura, na maioria das vezes, é pretexto apenas para a cobrança escolar, para que o aluno crie o hábito de leitura para a repetição e aprendizado.

Para as propostas de leitura publicadas nos planos analisados, pressupõe-se sempre um produto, uma produção a ser cobrada e avaliada, a leitura não é vista de forma livre e descomprometida, portanto não instiga o aluno a buscar novas leituras. O aluno é visto como mero receptor, não sujeito de suas ações e nem interlocutor. As atividades feitas em sala de aula não alteram os alunos, apenas fazem com que eles reproduzam um modelo. Pelas análises, pude compreender que a leitura na sala de aula, de modo geral, não se constitui como uma atividade de diálogo entre autor e leitor; pela leitura tal como se apresentou nas proposições analisadas e como se apresenta em sala de aula, muitas vezes, não abre espaço para que o aluno atribua sentido ao texto, nem que o possibilite de produzir novos textos. Acredito que a revista como um meio de comunicação ao alcance de muitos professores poderia trazer mais textos que levem em conta o aluno, que instiguem o aluno a fazer as perguntas em vez de somente dar as respostas.

ABSTRACT

The theme of this paper is reading as space for dialogue. I took, as study topics, lesson plans published in Nova Escola Magazine and, in those, the reading propositions in class periods. The objective is to comprehend the discourses about the magazine's reading practices propositions, seeking to understand what the meaning constructive possibilities are, through the students, which those proposals have been presented; besides, the text manages to build means of comprehension seeking to analyze the discourses about the reading practices and how those are treated on the lesson plans. The main methodology was built through the analysis of texts and data, within that I've built meaning, making different texts and voices to dialogue. I've realized with the analysis that, on the reading propositions from the Nova Escola Magazine, the formation of autonomous, critical, and reader authors is not contemplated in a clear and distinct way.

Key-words: Reading. Reading practices. Nova Escola Magazine.

RESUMEN

Este trabajo tiene como tema la lectura como un lugar de diálogo. Tomé como objeto de estudio planes de clases publicados en la *Revista Nova Escola* y, en estos, las propuestas de lectura en el aula. El objetivo es comprender los discursos sobre las prácticas de lectura en las propuestas de la *Revista*, tratando de entender las posibilidades de construcción de sentidos, por parte de los estudiantes, que estas propuestas presentaban; Además, el texto trata de construir caminos de comprensión buscando analizar los discursos sobre la práctica de lectura y la forma en que ellas son abordadas en los planes. La principal metodología ocurrió por el cotejamiento de textos y datos, así construí sentidos haciendo con que diferentes textos y voces hayan dialogado. Percibí con los análisis que, las propuestas de lectura de la *Revista Nova Escola*, no está contemplada de forma clara y distinta la formación de lectores autónomos y críticos.

Palabras-claves: Lectura. Prácticas de lectura. Revista Nova Escola.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth (org). **BAKHTIN, dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. rev. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. 1997 –

Brasília : 144p. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12640-parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series> > . Acesso em: 01 Maio 2016.

CHIAPPINI, Ligia (coord.); GERALDI, J. Wanderley (coord.); CITELLI, Beatriz (coord.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)

FVC- Fundação Victor Civita. **Missão**. [2016]. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/missao.shtm>>. Acesso em: 01 Maio 2016.

FVC- Fundação Victor Civita. **Relatório anual 2014**. Abril: São Paulo, [2015]. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/relatorio-anual-2014.pdf> >. Acesso em 16 jun. 2016.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino** – exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras. 1996.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GERALDI, João. Wanderley. **Ancoragens**- Estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. 176 p.

GERALDI, João. Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010. 208p.

GERALDI, João. Wanderley. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: Grupo de estudos dos gêneros do discurso- GEGe (Org.). **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões de metodologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. 170p.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto alegre: Artemed, 2002.

SILVA, Ezequiel. T. Da. **Elementos da pedagogia da leitura**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.